



Conversa com Yara Monteiro

(Em 30 de Setembro 2020, no Encerramento da Jornada *On Violence*)

Ana Paula Tavares: [A escrita da Yara Monteiro] contém vários níveis, lá dentro, da arte do dizer, e é isso que eu acho que a Yara foi buscar e mostrar não só nas suas comunicações como na sua escrita, traz-nos o presente, traz-nos as transformações rápidas desse mesmo presente que ela usa, que às vezes parece uma linguagem fácil mas não é. É a linguagem que resulta da passagem do tempo, e por isso eu pedia à Yara que viesse falar connosco.

Eu disse à Yara: faça o que quiser, leia um texto, leia um poema, faça exactamente o que quiser. E portanto, como já falei demais é para a Yara Monteiro, cujo livro se não leram façam o favor de ir ler a correr porque dentre em breve ela vai escrever outro, publicar outro e este passa a ser esquecido e é um livro que marca um antes e depois em tudo, quando se escreve, e que tem a ver com a língua portuguesa, tem a ver com a forma como a língua portuguesa é recebida em espaços que não são espaços portugueses e a forma como ela pode transitar daí para a literatura.

Muito obrigada, Yara, mais uma vez, a palavra para ti.

Yara Monteiro: Obrigada, Ana Paula. Antes de mais, quero agradecer a minha participação nesta Jornada. Agradeço-lhe a si, à Rosa e ao Marco, também pela relevância do tema, que me fez reflectir, principalmente agora que estamos todos num poiso forçado, cada qual nas suas casas e sem este contacto humano para o qual não tenho tido muitas oportunidades, nem virtualmente nem presencialmente.

Vi o vosso programa e fiquei admirada e feliz com a capacidade do meio académico em encontrar temáticas nas literaturas e no meu livro em particular.

Estive a fazer uma pequena reflexão sobre esta questão da violência, o que é que significa e onde é que eu poderei encontrar retratos de violência no meu livro, que possam ter sido elaborados – e foram – de forma inconsciente. Fala-se muito da violência da colonização, mas o processo de descolonização é um processo também de violência para o indivíduo, e esta foi uma violência que, de certa forma, me foi imposta como mulher, como pessoa, e que se encontra traduzida no meu romance *Essa Dama Bate Bué!*. Não posso deixar de mencionar



também a violência do exílio forçado, de todos aqueles que tiveram de abandonar Angola devido à guerra de independência, à guerra civil. Tiveram de partir para outros países como, por exemplo, a minha família, que veio para Portugal.

Estas temáticas são abordadas na história narrada por Vitória, a personagem principal do livro, que decide já na idade adulta, enquanto mulher, regressar a Angola à procura da mãe. Aqui está outro género de violência, imposta a muitas das mulheres africanas que combateram pela independência das ex-colónias portuguesas, francesas e de outros países, que é a violência de género. Para além da violência da guerra, houve violência de género: estas mulheres tiveram de combater duas vezes. Tenho aqui um pequeno excerto do livro que fala sobre este tipo de violência. É uma pequena passagem, de quando Vitória está à procura em arquivos do processo da sua mãe e se depara com o seguinte:

Excerto 1

“Consulto as caixas e caixas de arquivo numa sala húmida e sem ventilação. Não entra ar fresco. Transpiro sem parar. Por vezes, quero desistir, mas resisto. Resisto como as mulheres combatentes nas fotografias de identificação dos processos individuais. As caras estão rígidas. Pretas, mestiças e brancas.

Em algumas delas, os olhos parecem esvaziados. Outros incubam a expressão do dever a prestar. A rectidão da postura mostra o orgulho da responsabilidade. Têm sempre os lábios cerrados. Tão cerrados que parecem cosidos com corda de sisal».

A corda de sisal demonstra aqui a violência da não permissão da voz. Muitas vezes, é considerado que a mulher é um antro de queixumes, principalmente num contexto de guerra, onde já são vistas como subalternas. Elas combateram duas vezes.

Hoje em dia, ainda há violência das desigualdades sociais, das diferenças económicas. Podemos encontrá-la neste meu livro, de forma inconsciente, porque eu escrevi-o com uma motivação algo egoísta, ao tentar compreender-me, tentar trabalhar a violência da minha identidade, que era uma identidade sem lugar de pertença.

Neste processo, houve uma tentativa de descodificação da memória familiar, da memória que se encontrava no arquivo do meu avô, que eu utilizei. O meu avô faleceu em 2005 e deixou um arquivo que possibilitou, passados 15 anos, que eu trabalhasse com ele e encontrasse algum entendimento do meu percurso pessoal, familiar e também do encontro histórico entre Portugal e Angola. Neste caminho, criei uma ficção narrativa e fiz também uso da minha própria experiência, que foi violenta, de regresso a Angola, a Luanda. Foi voltar a uma mátria que eu não reconheci e que não me reconhecia. Neste primeiro embate, observei situações de desumanidade que me chocaram e me marcaram de tal forma que eu decidi tratá-las neste livro.

Acho bastante negativo a zungueira ser quase um marco turístico. A zungueira é a mulher negra explorada ao máximo e é apresentada de forma colorida e romântica, quando deveria ser exactamente o oposto. A propósito, tenho aqui um excerto ficcional. Isto não aconteceu, mas poderia ter acontecido. Vitória aproxima-se do edifício, está com Romena, que é a senhora que a recebe.”

Excerto 2

“O jipe de Romena ainda não estacionou e já a vendedora, que leva a bacia cheia de peixe à cabeça, agita o passo de chinelo na nossa direcção. Nas costas e presa por um pano com cornucópias coloridas, vai uma criança. A mulher desbrava a calçada esburacada e cheia de poças de água com a leveza de quem não está carregada com responsabilidades.

Saimos do carro, e Romena dispara sem grandes cuidados:

– Domingas, mais outro filho? – braveja com ar de reprovação, apontando para a *t-shirt* branca do World Food Programme que a vendedora traz vestida.

– Sim, dona Romena – confirma Domingas com ar envergonhado.

– Mais filhos? ‘Tá fácil a vida de zungueira.

– Toninho quer.

– Já trabalha?

– Ainda.

Romena abana a cabeça e rumoreja palavras que não consigo entender.

A criança que Domingas tem nas costas não se mexe. É como se tivesse partido o pescoço e morrido de olhos abertos.

Oiço a bagageira do jipe a ser aberta. Um homem já mais velho, com cabelo branco e barba rala, tira do jipe a minha mala e pergunta-me:

– Mamã, tem mais coisas para subir?

– Não sei – respondo.

Romena deixa de falar com Domingas e aproxima-se do homem.

– É tudo, senhor Timóteo. Vamos já subir.

Romena comanda o trajecto. Sigo com Domingas e com o senhor Timóteo.

À porta da entrada do prédio, estão mais duas zungueiras. Cada uma com a sua bacia do seu “pão nosso de cada dia”.

É um edifício deteriorado, que aparenta nunca ter sofrido manutenção. As paredes têm uma camada de sujo entranhado, mas o chão acabara de ser limpo. Sinto o cheiro forte a creolina.

Vamos em direcção às escadas. Reparo que onde, provavelmente, seria o elevador está uma porta em metal trancada a cadeado.

Já subimos mais de dez vãos de escadas. A construção do prédio permite que o ar entre e circule com facilidade pelo seu interior, quebrando assim a densidade morfológica do corpo arquitectónico debilitado. Cada andar divide-se em um corredor para a direita e outro para a esquerda. São corredores gradeados logo à entrada. Portões, grades, portas, cadeados limitam o acesso aos apartamentos. São espaços tornados impenetráveis, que contrastam com as galerias que existem entre os andares do prédio e onde as crianças brincam livremente.

As áreas individuais e exteriores dos apartamentos, ao contrário dos espaços comuns do prédio, são pintadas, limpas e organizadas. Uma grade, plantas ou cadeiras dividem os espaços comuns dos privados.

O senhor Timóteo pára. Está cansado. Ofereço ajuda. Ele recusa.

Domingas passa-nos e continua a subida com Romena. Movimenta-se com tranquilidade e segurança. Tem a ossada e os músculos perfeitamente alinhados. É como se uma linha vertical a elevasse e a tudo o que sustenta. Não existem tensões, nem rigidez. A cabeça vai direita, sem estar demasiado baixa ou alta. Domingas sobe as escadas com porte de rainha. Não deixa que o peso da vida lhe deforme a dignidade com escolioses ou cifoses. Quando poisa cada pé, fá-lo para que o chão saiba a sua força. Domingas não deve nada a ninguém. Deus e o Diabo devem-lhe tudo. Têm dela se desviar”.

Yara Monteiro: Penso que nós até podemos falar de uma hierarquia de violências e de uma hierarquia de agentes opressores. Se nós virmos uma hierarquia de violências, podemos considerar que no topo está o Estado, as instituições. E quando digo Estado falo de forças policiais, falo de educação que possa ser imposta pelo Estado, porque é o Estado que define a história de um país. Numa entrevista que ouvi recentemente de um outro escritor angolano, o Jonuel Gonçalves, ele fala de um conceito que eu desconhecia, a guerra das narrativas, que nós hoje e sempre vivemos. Quem conta a história é o vencedor, é o leão. O Estado pode criar uma narrativa que é exclusiva, que não inclui outras narrativas, e isto também acaba por ser uma forma de violência, porque exclui quem não se identifica ou quem sabe ou tem outra visão da história.

Portanto, numa hierarquia de violências, podemos ter, na minha opinião, o Estado, as instituições, que são os mais violentos, depois temos o capitalismo, ou seja, as empresas, e, por fim, a sociedade e os indivíduos. E nós, enquanto pessoas, podemos também infligir a nós próprios violência. Isto não é muito falado, e eu, nesta minha pequena análise, consegui

encontrar alguns indícios, por exemplo, de que Vitória, nesta procura da mãe, talvez tenha infligido a si própria violências, por se estar a colocar numa situação de rejeição.

Estou a falar disto tudo porquê? Porque a zungueira, a mulher negra, é à base desta estrutura de violências. E também as empregadas domésticas, porque vi que estas desigualdades são tão acentuadas em Angola que, arrisco-me a dizer, podem até ser consideradas uma perpetuação do colonialismo, com uma nova forma de «tecnologia».

E já que estamos a falar usando tecnologia: a tecnologia actual é também uma forma de violência. Só para vos dar um exemplo: os algoritmos que são desenvolvidos pelo Google, pelo Zoom, que estamos aqui a usar, por vezes não têm reconhecido pessoas negras. Houve um grande debate público sobre casos em que em conversa pelas Zoom, pessoas negras apareciam sem cabeça, porque o sistema de identificação não as reconhecia. É um género de violência tecnológica. Outra coisa interessante que vos posso convidar a explorar é, portanto, o Google. Quando se procurava pessoas negras na Internet, apareciam macacos. Quando se procuravam mulheres negras, todas elas eram sexualizadas.

Nós falamos de violência na literatura africana, e há uma violência do passado, que ainda permanece e tem uma projecção no presente, mas existem violências que já se estão a prolongar no futuro e que continuam exactamente com as mesmas bases ideológicas do patriarcado, do capitalismo, do colonialismo. E nós vimos isto como a destruição da natureza, que é outro género de violência.

Quero-vos ler agora só um bocadinho, um outro excerto e voltando à violência sobre as mulheres. É interessante, porque houve alguém que apresentou também uma análise do meu livro sobre violência. Vou-vos ler um pequeno excerto do discurso, porque isto foi uma coisa que também fiz no meu livro: dei a palavra a várias mulheres. O livro não tem um único narrador. Tem um narrador na primeira pessoa, que é a Vitória, e depois, ao longo do livro, dei a palavra, porque assim quis fazer, a outras mulheres que pudessem de certa forma falar na primeira pessoa, contar a sua história. Outra coisa que fiz neste livro, quando a Vitória passa por um processo de transformação, que é um processo violento, em que ela se descobre como mulher negra, foi retirar-lhe a voz como mulher, porque à mulher negra ainda não é permitido falar. Na verdade, ela pode falar, mas a questão é: quando nós falamos, quem nos escuta?

Isto são tudo... não sei se lhe chamarei jogos de narrativa. Foram coisas que eu intencionalmente, mas de uma forma muito intuitiva, apliquei no meu livro, porque eu não estudei literatura, fiz carreira em recursos humanos e o que aprendi a escrever foi lendo, basicamente.

Mas agora quero ler-vos um bocadinho só da fala de Mariela. Mariela é a típica empregada doméstica de uma família de classe média/média alta angolana, portanto o estilo linguístico está adaptado a uma pessoa desta classe social.

Excerto 3

“Me dificultam as palavras que o moço da rádio diz. Mesmo atenta, não entendo tudo. Está quase na hora de dar as notícias. Quero ouvir falar da paz no país. Quero a paz no musseque.

Aqui a luta continua. Não parou. É luta contra a barriga vazia, contra o mosquito, o lixo, a insegurança e a morte. A chuva. Temos também de lutar contra ela. Estraga tudo e nos mata se não houver cuidado. O cartão que forra o tecto estragou de novo. Caiu sozinho com o peso da água da chuva.

Tivemos sorte. Esperança estava em casa. Não deixou a chuva entrar pela porta. Correu com ela com o balde e a vassoura.

Olho à minha volta. Isto não se pode chamar de casa. Aqui não tem água nem luz. Casa é a de dona Romena, aqui é um muquifo. A mãe Josefa não gosta que se diga isso. Não gosta da verdade. Fica irritada e reclama que trabalhou muito para fazer a casa dela com blocos. Podia ser pior. Podia ser uma casa de chapa.

Agora com a paz sonham com casa nova, com escola, com comida e bebida. Meu sonho é Esperança sair do musseque. Não quero ela burra, de barriga e a levar surra.

Hoje de manhã fomos ao funeral da Quininha. O pai dos filhos de Quininha também apareceu. Quer ficar com a casa. Ele se reuniu com a mãe Josefa e as outras tias para discutirem a situação. Estou feliz. Não foram no chacho daquele malaiko de ficar com a casa para tomar conta das crianças. Lhe estigaram bué. Lhe perguntaram assim mesmo na cara como um preguiçoso, liambeiro como ele ia cuidar dos ndengues. Não bumba nem nunca bumbou. Vamos nós tomar conta.

As tias falaram outra vez na mãe que eu ainda não lhe dei um neto. Dizem que estou a ficar velha para ter um filho. A mãe lhes disse que eu não tenho homem. Me arranjam um, lhe garantiram.

“Pra quê homem?”, perguntei na mãe Josefa. Vai só me fazer filho e depois me deixar. A vida no musseque não é romântica. Aqui homem é pior que cão. Tanto come do prato como come do chão. Olha minha prima Quintinha, na zunga todo o dia, todo o dia. O tal de homem ia e voltava. Voltava para buscar dinheiro, amassar-lhe e depois ir embora.

A vida aqui é sofrimento diário. Tem dias mesmo que nem sei como vou trabalhar direita.

Não se dorme aqui. Tem sempre um bilo entre marido e mulher, música alta do vizinho, choro de criança pequena. Se não é isso é a cabeça que através das preocupações não me deixa dormir. Depois na casa da Dona Romena só me apetece cubar. Sono! Fico assim com o corpo mole quase que desmaio. Dona Romena ralha e me chama de mangonheira. Não gosto. Me ofende.

Esperança, minha irmã, tem quinze anos, mas já tem corpo de mulher. Isso me preocupa. Não quero ela com bebé. Perguntei na Katila como se fazia para não se engravidar. Eu gosto da

Katila. Ajuda-me a abrir a mente, a ver outras coisas na vida. Todos os meses me dá uma caixa com comprimidos. Ponho um comprimido desfeito todos os dias no Nido da Esperança. Katila aconselha que lhe dê camisinhas para proteger do bicho. Deixo, assim, as camisinhas entre as coisas dela. Não quero que pense que estou a incentivar.

A mãe Josefa diz que Esperança é bonita. Pode arranjar um papoite. Ele pode lhe tirar do musseque. Não lhe admito. Esperança, não deixo que ande com roupa justa. Vai parecer que anda na vida. Assim mesmo como é já chama a atenção.

Katila me incentiva a ler, a ser informada. Não é só pintar os lábios. Katila diz que primeiro tenho de me organizar só depois arranjar marido e ter filhos. É o que digo na Esperança. Acho que ela me ouve. Vai na escola, vai na igreja, não vai na farra com essas miúdas daqui. Diz que ainda só deu beijo na boca. Não acredito.

Ela é boa de cabeça. Deus quiser final do ano, Esperança vai trabalhar na padaria de dona Romena.

Esperança sabe fazer contas e fala umas palavras que não entendo bem. Se sobra jornal de limpar os vidros, peço na dona, Romena, para levar para casa. Dou a Esperança para ler. Há vezes que lê outras que inventa. Põe o meu nome nas letras do jornal.

Minha prima Quintinha vivia ali em frente. Ia para a zunga cedo. Seis horas a andar a pé para comprar qualquer coisa que desse para dar de comer aos candengues. Só descansava no domingo. Quando não conseguia pitéu mandava as crianças cá a casa. Nunca as deixamos chorar com fome. Fazer mais o quê então. Era só mesmo ela. Sem ninguém para lhe ajudar.

Mesmo assim, tem vezes que nem já funje enche a nossa barriga. Dona Romena nos dá de comer, mas meu almoço levo sempre para Esperança. Divido a refeição da mãe com ela.

Porisso me revolta como tratam o musseque. Isto não é lixeira feita de gente. Nos ignoram, nos gozam na cara porque falamos mal, cheiramos mal, vivemos mal. Já não choro. Chorava antes, no antigamente”.

Yara Monteiro: Isto é outra coisa que também percebi: há a violência da guerra e a violência do pós-guerra. Porque, como um amigo meu diz, quando a guerra acabou, começou a guerra. Não é porque é declarado um estado de paz que, de imediato, uma sociedade consegue emocionalmente, socialmente, espiritualmente equilibrar-se, entrar em paz, e muitas vezes nós não temos essa noção. Quando a guerra acaba, muito possivelmente, uma outra guerra se inicia, ou a guerra continua no próprio imaginário das pessoas. Em Angola, houve uma geração que só viveu na guerra. Como ensinar essas pessoas a viver na paz, sem o pânico, sem a violência da sobrevivência? E nós às vezes não temos essa empatia, achamos que as pessoas têm uma reacção ou têm um estilo de vida porque sim, e não o analisamos, não nos colocamos no lugar da outra pessoa.

E pronto... é este o livro. Era isto que queria partilhar convosco. Esta questão que eu chamo de poiso forçado, desta pandemia que estamos a viver, é uma forma de violência. E como é que nós lidamos com esta violência com o outro? É interessante que, quando tudo isto começou, criaram-se *slogans* bastante bonitos, como “estamos juntos” ou “juntos venceremos”, mas, na realidade, verificou-se muito rapidamente que a humanidade acaba por cair para o lado que mais a alimenta, e hoje sinto que continuamos num estado de violência, num estado de egoísmo e que a literatura se calhar não salvará o mundo, mas ajudará a criar novas realidades; e a literatura africana – assim como a da América Latina e alguma parte da literatura nórdica – também mantém aquilo que os especialistas literários chamam de realismo mágico. Mas o que é o realismo mágico na realidade? É a nossa capacidade de acreditar, de imaginar, de nos conectarmos com o outro, com a natureza. A maior parte de nós está desconectada. Peço desculpa pela expressão, mas muitos países têm governantes que se tornaram a estupidez institucionalizada. Isso preocupa-me como pessoa, como mulher, e não vejo, na realidade, uma diminuição da violência, um caminhar para uma salvação da humanidade. Porque todos somos humanos e, nesta dinâmica, nós temos o bom e o mau, mas vamos ver para que lado tombamos ou ascendemos.

Ana Paula Tavares: Muitíssimo obrigado. Eu penso que não podemos perder esta oportunidade, [...] temos tempo para duas ou três questões à Yara, acho que é um momento muito importante antes de fecharmos estes nossos trabalhos. Queria ainda agradecer a duas ou três pessoas que ainda não mencionei aqui hoje, mas que estiveram na origem deste mesmo projecto, e que por várias razões não puderam hoje cá estar, mas que pensaram há muito tempo este projecto, como a professora Carla Ferreira, a professora Glória Brito, a professora Fátima Mendonça, mas enfim elas são nossas colaboradoras habituais e agora aproveitem duas ou três perguntas para a Yara.

Maria da Graça Gomes de Pina: Pergunta e não só. Depois de se ter publicado o livro se sentiu que as pessoas que o liam de alguma maneira invadiam e faziam uma certa violência em confundir biografia com literatura, e a outra é uma coisa que me fez vir à mente. Disse que voltou a Angola e portanto não se reconheceu. Eu tive também o mesmo problema e o problema inverso: eu saí de Cabo Verde muito pequenina e quando finalmente consegui voltar à minha ilha eu claramente não reconhecia nada, mas as pessoas reconheciam a minha irmã mais velha em mim e aquilo foi praticamente uma coisa surreal. Era eu passar, não ter nenhuma recordação dos lugares e as pessoas continuarem a confundir-me com a minha irmã mais velha, e a dizerem: “Ah mas tu mas tu mas tu”, e a encherem-me de recordações que não me pertenciam, portanto foi uma coisa bastante estranha. Mas, pronto, fica a primeira pergunta.

Yara Monteiro: No início, como foi também o meu primeiro livro, confesso que fiquei um bocadinho irritada, as pessoas não conseguiam diferenciar, apesar de estar escrito “ficção”, “romance”. Mas depois, com o tempo, fui-me habituando, porque é natural, às vezes, comentar: “Ah, mas naquela parte em que vocês iam sair à noite.” E eu respondia: “Ó mãe, não sou eu, é a Vitória.”

Há vários factores, porque, numa biografia, as histórias são bastante paralelas. Eu, de certa forma, escrevi sobre a minha “vila”, sobre aquilo que me estava próximo primeiro. Depois, escolhi ter um narrador na primeira pessoa, portanto, naturalmente, quem estava próximo – ou mesmo quem não estava – pensava que era uma biografia. Mas depois cada leitor faz a sua própria interpretação e a beleza de um livro é exactamente essa: nós escrevemo-lo, mas o livro reescreve-se com cada leitor. Cada leitor faz a sua reinterpretação, e eu tive situações em que diziam: “Quem é esta pessoa?” Depois vinha outra e dizia: “Esta aqui é a tia x.” Cada qual encontra o que quer no livro, e acho que é bonito, é bastante interessante.

Em relação à sua questão, quando estive em Cabo Verde, há uma frase que diz qualquer coisa do género: nós não somos lugares, mas pertencemos a pessoas. Você pertence à sua irmã, à sua família, à sua história, portanto é natural que as pessoas vissem em si a sua irmã mais velha, porque você confunde-se e é parte da memória familiar. Você pertence à sua família, pertence aos seus ancestrais. Isto é um exemplo da sua história pessoal, mas, em termos de comunidade – comunidade negra, comunidade indiana, comunidade branca –, nós todos chegamos com uma história, com uma memória. Toda a gente nos encara com uma identidade. Tem de ver isso até como um elogio, porque, no fundo, eles reconheceram-lhe uma pertença, o que é muito bom. No meu caso, disseram-me: “Ah, tu lembras-te, és parecida com o teu pai”, porque o meu pai já vivia em Luanda, mas a minha família não é originária daí, é do Bié, no interior, portanto, Luanda, de certa forma, era uma cidade completamente nova para mim, que não correspondia ao imaginário de Angola que me foi passado pelos meus avós e pela minha mãe. Mas é bonito que a tivessem confundido com a sua irmã!

Maria da Graça Gomes de Pina: Pois, era mais bonito para a minha irmã, porque ela tinha saído com a idade em que eu voltava e portanto quando contei à minha irmã, ela ficou bastante contente: “Ainda bem que continuam a reconhecer-te em mim, porque ainda se lembram com aquela idade”. E já passaram 33 anos, ela estava bastante contente eu estava mais embaraçada.

Yara Monteiro: E foi isso que lhe deu pertença à terra.

Maria da Graça Gomes de Pina: E foi isso que me ligou à terra.

Yara Monteiro: Isso é muito bonito, a comunidade reconheceu-a. Não sei se têm mais alguma questão.

Marco Bucaioni: Eu muito rapidamente queria dizer que já li o livro há dois anos e o livro tem muitas coisa boas, de facto muitas coisas interessantes, tanto que assim que acabei de o ler pensei traduzir ou fazer traduzir o livro para italiano, o que está a acontecer.

A parte mais divertida do livro para mim foi quando a Vitória chega a Luanda e dá-se com esta Luanda de que a Yara falou agora também, de desigualdades, sem dúvidas, e de excessos,

e gostei das primas de Luanda, bem inseridas naquele ambiente de divertimento excessivo e de a Vitória, apesar de ser a europeia, por uma vez ser a europeia a estar marginalizada por não conhecer os rituais e inferiorizada por ser menos glamour do que as meninas de Luanda.

Também gostei do retrato linguístico que se faz aí, eu não conheço muito bem o português de Luanda, mas sei que é diferente do de Lisboa, e vejo que no livro foi feito um trabalho óptimo de diferenciação estilística da língua usada também como instrumento de estilo e queria perguntar-te um pouco assim sobre esta vertente do glamour luandense noturno.

Yara Monteiro: É o tempo da guerra que se perpetuou, e isto gera uma liberdade, uma anarquia, possibilita criarem-se situações que, num contexto organizado, estruturado, não seriam possíveis. Isto acaba por ser bastante criativo e possibilita o riso, porque o riso também é uma estratégia para se lidar com o sofrimento, com a violência e até com o desespero. Havia situações desesperantes, mas as histórias acabavam por ser sempre cómicas, por assim dizer.

Em relação ao *glamour*: em tempo de guerra, em tempo de covid-19, o que é que temos de fazer? Temos de nos arranjar, temos de nos pôr um bocadinho mais bonitos, mais bonitas, porque o contexto está tão mal que, se eu ainda venho para o Zoom com as minhas olheiras... Não!

É a mesma coisa nos tempos de guerra: as mulheres, se podem, continuam a ir ao cabeleireiro, continuam a calçar sapatos bonitos, vestidos, etc. Isto é transversal a todas as classes sociais e, como se diz ainda na minha família, que está farta de se queixar: nós, no tempo da guerra, ao menos podíamos ir dançar; agora, com a covid-19, nem isso, temos de ficar em casa. Na altura, íamos e, mesmo que passasse o tempo de recolher obrigatório, não havia maka, porque a festa continuava até de manhã.

Mesmo agora, em termos de pandemia, que é o que acontece em tempos de guerra, a vida continua a acontecer, continua-se a casar, continuam crianças a nascer, a celebrar-se aniversários. Mas acho que este *glamour* é uma coisa muito angolana que se chama «a banga». O angolano, mesmo em termos de reconhecimento entre os africanos, dentro dos PALOP, é conhecido pela banga.

Quando entra um angolano num sítio, também está sempre com aquele *glamour* que é divertido também.

Ana Paula Tavares: Bom, com muita pena minha e não havendo mais perguntas eu iria encerrar esta sessão que foi realmente estimulante para continuarmos o nosso trabalho e tenho agradecimento especial ao Grupo 2 do CLEPUL, que trabalha e me ajuda a pensar e a organizar [...] e, como a Rosa referiu, um apelo para todas e todos vocês: é um grupo aberto à discussão, colaborem connosco, façam sugestões, escrevam, critiquem, vão-nos ajudar muito a pôr de pé este projecto. Muito obrigada.